

ENTREVISTA
Alfredo Bosi

POESIA COMO RESISTÊNCIA À IDEOLOGIA DOMINANTE



Concedida aos jornalistas Paulo Hebmüller e Daniel Garcia (fotos)

Não são poucas as áreas em que atua e intervém Alfredo Bosi: história, política, Igreja e militância contra usinas atômicas estão entre elas. Mas é a literatura, que lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) durante praticamente meio século — entre 1959 e 2006, quando se aposentou — que talvez mais mobilize o professor. “A literatura tem uma função muito rica, humanizadora, e dá uma grande abertura para qualquer tipo de profissional — mas a escola de alguma maneira diminuiu muito a sua dosagem, talvez até por causa dos vestibulares”, lamenta.

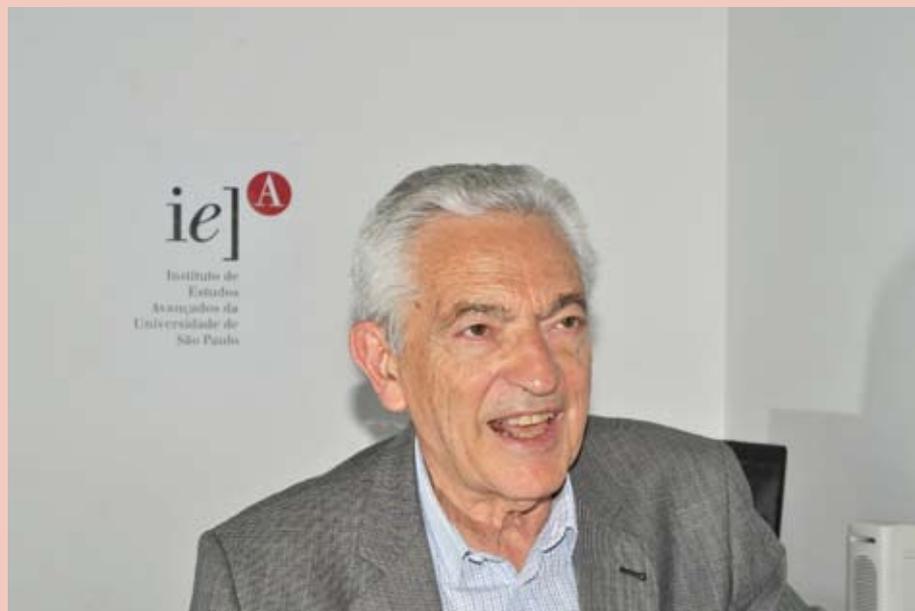
Nascido em São Paulo em agosto de 1936, Bosi iniciou sua trajetória na USP com o ingresso na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1954. Graduado em Letras Neolatinas, fez especialização em Filologia Românica e, entre 1961 e 62, especialização em Literatura Italiana, em Florença, na Itália. Seu doutorado (1964) e a livre docência (1970) também versaram sobre literatura italiana. Contudo, as letras da terra natal são um dos focos principais de sua produção acadêmica e da carreira docente.

Seu livro *História concisa da literatura brasileira*, publicado pela primeira vez em 1970, já alcançou 49 edições. Bosi é autor também de *O conto brasileiro contemporâneo*, *O ser e o tempo da poesia*, *Dialética da colonização*, *Literatura e resistência*, *Ideologia e contraideologia* e outros títulos. Muitos dos temas dos quais o professor se ocupa são abordados nos ensaios reunidos em seu livro mais recente, *Entre a literatura e a história* (2013), alguns dos quais citados nesta entrevista. Casado com a psicóloga social e escritora Ecléa Bosi, professora do Instituto de Psicologia da USP, e pai de José Alfredo e Viviana, Bosi é membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003 e recebeu o título de Professor Emérito da USP em 2009. Continua ligado à Universidade principalmente pelas atividades no Instituto de Estudos Avançados (IEA), do qual já foi diretor e onde edita desde o primeiro número, em 1987, a revista *Estudos Avançados*. Sobre muitas das questões que o ocupam, Alfredo Bosi concedeu na sede do IEA, na Cidade Universitária, a entrevista a seguir.

Revista Adusp. O escritor Mia Couto, numa entrevista que me concedeu no ano passado, disse o seguinte: “Não há outra maneira de reconquistar um sentido de felicidade que seja pleno que não vá pelo caminho de nos restituir um olhar poético”. O senhor diz que “a poesia exprime a subjetividade mais radical do ser humano”. A poesia pode fazer a ponte entre essa felicidade e essa subjetividade?

ALFREDO BOSI. A poesia tem mais de um horizonte. Essa frase do Mia Couto, que eu endosso, realmente é o caminho mais feliz da poesia, não só para quem a produz — o artista que conhece aquele momento de iluminação — como sobretudo para os seus leitores. Um adolescente numa crise existencial de repente abre um livro de poemas da Cecília Meireles e sente que há coisas belas na existência. Ou então abre um Carlos Drummond de Andrade e tem contato com uma concepção mais irônica ou crítica, ou mesmo de grande resistência moral. A observação do Mia Couto vale principalmente para esses momentos em que a poesia liberta o leitor das suas preocupações do cotidiano e dá um sentido à existência.

A minha experiência de leitor de poesia começou muito cedo. Eu tinha meus 13, 14 anos, já ia à Biblioteca Mário de Andrade e lia tudo o que me caía sob os olhos. Nem tudo eu entendia, como em textos de poetas difíceis como Jorge de Lima ou Murilo Mendes, mas mesmo não entendida a poesia transmite um sentimento básico da existência através das imagens, menos do que pelos conceitos. A leitura de



poesia alimentou muito a minha vocação de professor. Agora, além dessa visão digamos mais feliz e mais eufórica, que conduz a uma expansão da alma, há uma forma de poesia que me atraiu desde cedo e sobre a qual escrevi bastante: a chamada forma de resistência. Essa ideia de *literatura como resistência* foi amadurecendo para mim desde principalmente os anos da Ditadura Militar — não que eu faça uma relação determinista de causa e efeito, porque a literatura tem uma riqueza de possibilidades que felizmente transcende o momento político. Mas nesse caso, como se tratava do longo período de vinte e um anos de ditadura, os intelectuais mais sensíveis à luta social e aqueles que tinham depositado muitas esperanças no governo deposto de João Goulart, e tinham passado por um momento muito construtivo no começo dos anos 1960, de repente se viram confrontados com um baque. Aqueles projetos que estavam amadurecendo foram cortados vio-

lentamente. Então me pareceu que a concepção de poesia apenas como expressão da subjetividade, sem dúvida uma visão básica que está na maioria dos autores de estética, poderia ser pensada também como uma forma de resistência à ideologia dominante.

*Quando escrevi **O ser e o tempo da poesia** (1977), destinei um capítulo inteiro ao conceito de poesia resistência e verifiquei que há mais de uma forma de resistência. A mais evidente é a poesia de crítica social, de ataque, de sátira. Mas não é a única*

Ao lado da prosa pragmática que predominava na época e das ciências naturais e sociais, os poetas também vivem uma tensão entre o seu universo subjetivo, que é múltiplo, e as forças hegemônicas, sejam do capital ou do Estado. Essa tensão seria a matriz de uma poesia de resistência. Quando escrevi *O ser e o tempo da poesia* (1977), destinei um capítulo inteiro ao conceito de *poesia resistência* e verifiquei que há mais de uma forma de resistência. A forma mais evidente é a poesia de crítica social, de ataque, de sátira. Mas não é a única. Às vezes o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe àquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica. Não que ele faça uma proposta formal de ataque à sociedade, mas a sua linguagem é tão estranha e tão diferenciada em relação àquilo que é a linguagem ideologizada, ou a do senso comum, que ela se transforma em resistência. Isso foi muito bem estudado por Theodor Adorno, filósofo marxista que via essa característica em certos poetas surrealistas e simbolistas acusados pelos marxistas ortodoxos de alienados, porque aparentemente estavam voltados apenas para si próprios. Mas Adorno fez estudos minuciosos de poetas alemães desse período e verificou que havia um potencial de resistência em seu trabalho. Há um ensaio dele que é paradigmático nessa questão, chamado “Discurso sobre lírica e sociedade”, que sempre recomendo aos meus alunos. E há ainda as formas extremas, místicas, em que o poeta vai atrás do

transcendente, uma forma de superar a imanência.

Esse viés das várias formas de resistência me pareceu fecundo. Como faço basicamente história da literatura — naquela época trabalhava com literatura italiana — olhando para trás vi que essa tendência poderia ser encontrada em vários poetas. Particularmente um, Giacomo Leopardi (1798-1837), que foi objeto da minha tese de livre docência. Leopardi era profundamente pessimista, por várias razões, inclusive autobiográficas, mas no final de sua curta vida creio que encontrou uma imagem para a resistência. É uma imagem muito bela e que me persegue, no sentido de que eu a persigo também: a de uma flor que nasce nas encostas do Vesúvio. Leopardi não suportava bem o frio e resolveu viver em Nápoles, onde passou os últimos anos de sua vida. Pompeia [devastada por uma erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C.] já havia sido descoberta pelos arqueólogos alemães, então Leopardi viu o que era o passado. Olhando para o Vesúvio, observou que, apesar da lava que descia pelas encostas, uma flor resistia. Essa flor em italiano se chama *ginestra* — em português, *giesta*. Seu último poema é “A *giesta*, ou a flor do deserto”. É um poema belíssimo e difícil — ele é um poeta com reminiscências clássicas muito fortes e não é fácil de ler. Quando fiz a minha tese, me debrucei sobre o poema e colhi dessa experiência de Leopardi a ideia de poesia como resistência.

Nos anos em que morei na Granja Viana, senti falta dessa flor, tão bonita e tão rara. Mas eu não

sabia se ela existia no Brasil. Um dia minha esposa e eu estávamos comprando mudas na chácara de floristas japoneses na Raposo Tavares e resolvi perguntar se o dono conhecia a *giesta*. Estava certo de que ele não conheceria, mas quando pedi uma muda de *giesta* ele pegou o carrinho, entrou nos seus labirintos e voltou com ela. Plantei, mudei de casa e, nesses anos todos, ela continua lá. É uma flor perene, que desaparece, mas volta de novo. Essa imagem é uma espécie de símbolo da *poesia resistência*.

Revista Adusp. Quem representaria essa forma na literatura brasileira?

BOSI. Há várias formas de literatura de resistência, e no Brasil grandes nomes ilustram essa tendência. Cruz e Souza, por exemplo, era um poeta negro que escreveu um poema em prosa chamado “O emparedado”, em que se rebela contra a ciência e a antropologia do tempo, que era uma antropologia racista. É um poema tipicamente de resistência, porque ele estava imerso na cultura inteiramente racista do final do século 19. Morreu cedo, de tuberculose, totalmente marginalizado. Outro nome é Lima Barreto, também não por acaso mulato, que até foi colocado várias vezes pela família num hospício na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde curiosamente hoje está a Universidade Federal do Rio de Janeiro, inclusive o seu Instituto de Psicologia. Temos também Graciliano Ramos e vários outros escritores que podem ser estudados nessa linha da resistência.

Revista Adusp. O senhor escreve que a poesia seria particularmente bem-vinda no mundo de hoje, no qual ela precisa subsistir num mundo que se tornou “atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte”. Qual seria o papel da poesia nesse mundo de tanto barulho por nada?

BOSI. Essa conferência (“A poesia é ainda necessária?”) foi pronunciada como aula inaugural da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats da FFLCH em 2010. Comecei até meio perplexo: como quem lê poesia desde a adolescência — portanto há muitos e muitos anos — vai questionar se a poesia é necessária? Eu cresci no mundo das Letras, fui professor durante quase cinquenta anos, primeiro de literatura italiana e depois brasileira, e portanto essa ideia parecia não fazer sentido. É uma pergunta provavelmente feita por alguém que vive num tempo em que muitas pessoas ignoram totalmente a poesia e a consideram alguma coisa supérflua, senão desnecessária.

O questionamento pela necessidade da poesia é paradoxal. Será que a História é necessária? Essas perguntas surgem porque as ciências humanas, as humanidades, entraram numa fase de descrédito. Frequentemente converso com economistas, engenheiros ou técnicos que dominam amplamente os seus objetos, mas são pessoas incultas. Não por culpa delas, mas porque todos os currículos e o universo que as cercava as levaram a considerar a literatura, digamos, como “perfumaria”. A existência dessas culturas

paralelas é grave. Eu tenho formação humanística, mas gostaria de dominar a cultura científica, pela qual tenho enorme respeito.

Creio que esse é um fenômeno planetário. Várias vezes estive na França e inicialmente acreditava que lá os alunos deveriam ter uma formação humanística muito mais aperfeiçoada, afinal sua literatura tem 800 anos, mas percebi que não. Certa vez, na Bretanha, conversei por acaso com duas senhoras que eram professoras de História e elas ficaram surpresas quando eu disse que havia lido muitos textos do maior escritor da região, Chateaubriand. No colegial, quando fiz o curso clássico, o francês era obrigatório e havia um curso de literatura francesa no qual líamos esse e outros autores, como Victor Hugo. Na França, essa visão panorâmica na qual se estudavam autores desde a Idade Média até hoje não existe mais. Há, sim, estudos muito especializados sobre um ou outro escritor, mas muita coisa parece que se perdeu. Então, a média das pessoas que não leram é uma média muito inculta. Isso não quer dizer que elas não tenham interesse, por exemplo, em filosofia, mas não têm formação humanística. A literatura tem uma função muito rica, humanizadora, e dá uma grande abertura para qualquer tipo de profissional, mas a escola de alguma maneira diminuiu muito a sua dosagem, talvez até por causa dos vestibulares. O aluno tem que decorar muita coisa, aquelas fórmulas todas, e não há espaço para ler. Gostaria que as escolas públicas pudessem recuperar esse universo. Quem sabe no futuro?

[Ler poesia] é um exercício de autodomínio ... como professor você tem que alcançar esse autodomínio e encontrar, como um ator, uma entoação e uma forma. A entoação é a música da poesia: o metro, o ritmo, as pausas, enfim: é uma arte de ler, e acho que o professor precisa conquistá-la

Revista Adusp. E o senhor defende que o professor leia poesia em voz alta para os alunos, não é?

BOSI. Ah, sim. Essa é uma das minhas “teclas”, das minhas obsessões. Uma vez estava conversando com um jovem professor assistente de Literatura Brasileira, muito bom, muito culto. Ele tinha lido Luckács, Adorno, Benjamin, enfim, era uma cabeça teórica. Eu disse: “Acho muito bom que você tenha esses conhecimentos porque elas vão irrigar a sua interpretação literária, mas você precisa transmitir aos alunos, em primeiro lugar, a beleza e a emoção de um poema. Você escolhe o poema que quiser para que o seu aluno, que depois vai ser professor de Português, possa também ensinar a entoação e a maneira de ler”. Ele respondeu: “Ah, professor, acho que nunca vou ler poesia em voz alta porque te-

inho vergonha”. Percebi depois que ele era uma pessoa tímida e achava que se lesse ficaria vulnerável e iria no fundo expor os próprios sentimentos. Mas esse é justamente um exercício de autodomínio. Também me comovo com grande facilidade, mas como professor você tem que alcançar esse autodomínio e encontrar, como um ator, uma entoação e uma forma. A entoação é a música da poesia: o metro, o ritmo, as pausas, enfim: é uma arte de ler, e acho que o professor precisa conquistá-la. Ler já é uma interpretação.

Antigamente, havia aula de leitura. O professor começava a ler e apontava algum aluno que continuava, e o professor ensinava coisas básicas como a preparação para uma interrogação — os espanhóis colocam um ponto de interrogação no começo, o que é muito inteligente. Os portugueses quiseram fazer isso no século 19, mas a ideia não prosperou. Exclamação e interrogação são tonalidades cognitivas, ou seja, apontam para uma linguagem dialogal ou com intenções expressivas. Imagine na poesia, em que cada palavra e cada verso têm a sua própria música, porém sem as indicações da pauta musical. O professor tem que se preparar muito e ler muito em casa, em voz alta. Minha hipótese é que, lendo em voz alta, a pessoa já está intuindo a compreensão do poema. É mais do que voz alta, portanto: é interpretação em voz alta.

Também não se deve subestimar os alunos e pressupor que eles não se interessam ou não gostarão disso ou daquilo. Quando dei aula no Colégio Mackenzie para alunos de 15, 16 anos, idade difícil, pensei em Camões. Nos *Lusíadas* há um episódio épico sobre o gigante Adamastor: Vasco da Gama chega ao Sul da África, um lugar denominado Cabo das Tormentas — e, mais tarde, Cabo da Boa Esperança — e encontra essa figura mítica do gigante. Camões não é tão difícil quanto parece, e quando

Revista Adusp. No ensaio “Formações ideológicas na cultura brasileira” o senhor diz: “Literatura e ideologia se tangenciam enquanto ambas pressupõem o mesmo vasto campo da experiência intersubjetiva. Mas os seus modos de conceber e de formalizar essa experiência são diversos, quando não opostos”. O senhor pode falar sobre isso?

BOSI. A palavra ideologia precisa ser pensada antes de julgarmos que entendemos o que ela significa. Há uma concepção ampla e flexível de ideologia que se confunde um

Daniel Garcia



pouco com a cultura da época, o estilo, em que a ideologia entra como um componente difuso na cultura. E há um sentido que foi desenvolvido principalmente por Marx e Engels no livro *A ideologia alemã*, que precede *O capital*, em que a palavra ideologia tem um sentido negativo — isto é, a ideologia é a racionalização que as classes dominantes fazem do

eu lia eles ficavam entusiasmados e queriam subir nas carteiras para declamar o Adamastor... O professor deve acreditar que vai entusiasmar o aluno. Tem que ser uma pessoa meio utópica e meio ingênua ao mesmo tempo. Se começar com um espírito muito pessimista, não vai entusiasmar os alunos. Minha filha Viviana é professora de Teoria Literária e lê muito em voz alta, e seus alunos ficam entusiasmados. Que bom! Alguma semente está frutificando.

conhecimento da sociedade. Nos termos de Marx, um burguês acha de fato que é natural que o operário trabalhe para ele e gere o seu lucro. Depois os economistas clássicos de certa forma naturalizam isso, e chega um momento em que a ideologia é a justificativa ou a justificação de um dado social. Marx quis mostrar que entendia a formação da burguesia capitalista, mas, diferentemente de Adam Smith e dos economistas clássicos, ele não só conhece e estuda, mas denuncia.

Há um momento em que mostra que essa é a justificativa da opressão. São, portanto, dois sentidos diferentes para ideologia: um difuso, não crítico e descritivo como ideias das mentalidades de uma época, e há o sentido crítico que vem de Marx e que em grande parte continuou com seus seguidores.

A poesia pode tangenciar o primeiro sentido, é claro. Você lê um poeta romântico, com todas aquelas expressões de amor à natureza, à pátria, à tradição, ou um romântico revolucionário, e constata que é um poeta cuja ideologia — talvez seja melhor dizer cuja cultura — é romântica. Agora, com relação à ideologia dominante, a verdadeira poesia faz a distinção claramente, porque não quer naturalizar a sociedade. A poesia e a literatura estão mais preocupadas em mostrar como os estímulos sociais criam reações dentro do sujeito na forma de personagens de um romance, ou na forma de poesia satírica. No caso, não se tangencia: há uma oposição que é matriz daquela ideia de *poesia resistência*.

As formas são diferentíssimas, evidentemente. A poesia se produz de uma maneira musical, imagística e com metáforas, não conceitos. A ideologia, por sua vez, tudo transforma em algumas ideias básicas. Talvez a grande diferença seja o caráter concreto da poesia e o caráter abstrato da ideologia e das ciências políticas e econômicas, que querem chegar a fórmulas de conhecimento. A poesia também é mais aberta no sentido de que pode ser interpretada de várias maneiras, enquanto a ideologia, ao contrário, procura ser uniforme e identificar o que é ver-

dadeiro e o que não é. As discussões em torno de um poema podem ser infinitas, porque uma pessoa vê uma coisa que a outra não vê. A linguagem da poesia envolve essas ambiguidades, porque está carregada de conotação e polissemia.

Rudyard Kipling, famoso pelo poema “Se”, falava do “fardo do homem branco” — a colonização. Essa expressão é puramente ideológica. Para os ingleses, portanto, colonizar era um “fardo” que aliás exerceram com muita competência durante anos e anos... Um poeta que exalta isso é ideológico

Revista Adusp. O senhor também diz nesse ensaio, referindo-se à Escola de Frankfurt: “arte não mais espelho da sociedade, mas arte *versus* sociedade: arte enquanto crítica”. Nessa concepção, a arte exerceria um papel de contraideologia?

BOSI. Ah, sim, certamente. É a derivação da ideia de resistência. Um hino de guerra, por exemplo, quer convencer e arrastar pessoas. É a própria ideologia em versos cuja finalidade é mexer com as vontades e de alguma maneira atrair as pessoas para uma certa bandeira. A poesia não traz esses elementos e não procura essa retórica do poder.

Quando traz, acho que é má poesia. Rudyard Kipling, famoso pelo poema “Se”, falava do “fardo do homem branco”, “*the burden of the white man*” — a colonização. Essa expressão é puramente ideológica. Para os ingleses, portanto, colonizar era um “fardo” que eles aliás exerceram com muita competência durante anos e anos... Um poeta que exalta isso é um poeta ideológico.

A grande poesia, se tem que dizer alguma coisa, dirá em termos de dúvida, ou de uma adesão muito diferenciada, muito personalizada. Estou analisando agora um poema de Drummond do livro *A rosa do povo*, que aliás vai fazer setenta anos neste ano. Chama-se “Visão 1944”. É um poema extraordinário, porque fala de tudo o que é violento e dilacerante na guerra, e a partir de um certo momento procura mostrar que por baixo daquelas cidades mutiladas, principalmente da Europa, estava nascendo um outro mundo. Ele compara esse outro mundo, numa descrição muito bonita, a uma flor de lótus, que abre e fecha. É um poema que consegue passar do horror e da denúncia da guerra a uma forma de esperança. Não é um discurso panfletário, mas um discurso sensível a um mal e ao bem, tudo trabalhado pela subjetividade do poeta. Nesse sentido, esse poema é contraideológico.

Revista Adusp. Quem o senhor recomendaria, dentro da literatura brasileira, que os alunos estudassem e conhecessem?

BOSI. Escrevi uma história da nossa literatura que vai desde o jesuíta José de Anchieta, no século

16, até os escritores ainda vivos ou que tinham sua produção completa já nos anos 1960 — a primeira edição da *História concisa da literatura brasileira* foi publicada em 1970. Muitos deles continuaram a escrever depois disso, como Lygia Fagundes Telles, o próprio Drummond, Clarice Lispector, Guimarães Rosa... A partir daí as edições se sucederam, às vezes com duas reedições no mesmo ano, e não havia tempo para uma atualização no sentido de verificar o que se escrevia contemporaneamente. O problema não é só de tempo: é também de ter um critério muito seguro para aferir o que vai ficar e o que não vai ficar entre os escritores que estão começando. Mas as edições se sucediam e eu sentia que o livro poderia ficar desatualizado do ponto de vista didático. Então, entre 1994 e 95 acrescentei poetas e escritores da época. Daí por diante, vi que, se continuasse a fazer isso, o livro iria se transformar num catálogo telefônico. No fim do século passado e início deste, tem havido um movimento editorial enorme e a produção aumentou muito. Por isso, dei essa atualização como ponto final.

O livro pontua a história da literatura brasileira, dando ênfase a alguns nomes. Como lecionei literatura colonial por muito tempo, insisti em Anchieta, Gregório de Matos e Padre Vieira. Avanzo pelos poetas neoclássicos — claro que temos que fazer um filtro, mas o aluno precisaria ler por exemplo Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, poetas envolvidos pela Conjuração Mineira. É um mundo, o mundo de Ouro Preto,

que precisa ser conhecido. Depois há três vertentes do Romantismo que acho que precisam ser lidas e aprendidas: a indianista, da qual Gonçalves Dias é o grande nome; a do lirismo subjetivo, com Álvares de Azevedo; e a social, com Castro Alves. Depois se acrescentou Sousaândrade, que apareceu mais tarde.

O período do Realismo é intensamente ocupado por Machado de Assis. Ele escreveu desde os anos 1860 até praticamente a sua morte, em 1908. É preciso conhecer pelo menos alguns livros da sua chamada fase madura: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Mas Machado não está sozinho nesse universo que chamamos de Realismo. Temos Aluísio Azevedo e Raul Pompéia, romancistas que ficam um pouco à sombra. Lima Barreto é o grande escritor de transição pré-modernista, e depois temos os modernistas.

Em São Paulo sempre se deu muita ênfase à Semana de Arte Moderna de 1922. Em outros Estados se afirma que houve um exagero aí. A grande literatura gaúcha, por exemplo, com nomes como Simões Lopes Neto, pouco deve ao Modernismo. Depois Erico Verissimo ocupa esse espaço, mas ele não é modernista, é posterior. Alguns críticos acham estranho que eu, como paulista, tenha escrito isso, porque aqui há uma devoção total sobretudo a Mário e Oswald de Andrade, que sem dúvida são escritores notáveis — mas parece que todo o Modernismo se esgota neles. Escrevi na *História concisa* que existe um momento modernista de vanguarda que realmente é paulista — e

tinha que ser, porque São Paulo estava na vanguarda industrial e já começava a ser cosmopolita. Mas existem os escritores regionalistas dos anos 1930, alguns muito bons, independentemente do Modernismo. Graciliano Ramos, por exemplo, não tem nada de Modernismo. Ele lia Eça de Queiroz, os franceses, os realistas, Tolstoi, Dostoiévski — enfim, o seu universo era o do grande Realismo do século 19. Então é preciso distinguir esses dois momentos, e no primeiro a ênfase paulista está em 1922, sobretudo na figura de Mário de Andrade. Mais tarde Oswald passou a ser reivindicado pelos tropicalistas e pelos poetas concretos. Criou-se um jogo de Mário *versus* Oswald — isso já passou, mas foi muito marcante dos anos 1970 e 80.

Talvez a sua pergunta sobre o que eu recomendaria possa ser melhor respondida assim: anos depois da primeira edição da *História concisa*, a Editora Cultrix — por meio de um grande poeta e amigo, José Paulo Paes, já falecido — me pediu que fizesse uma antologia de contistas contemporâneos. Esse livro, *O conto brasileiro contemporâneo* (1975), me deu uma grande alegria porque havia muitos bons escritores ainda vivos que escreviam contos admiráveis. Debrucei-me sobre eles. Estão lá 18 escritores posteriores ao Modernismo — Guimarães Rosa é o maior deles, e lá estão também Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, João Antônio e Clarice Lispector, entre outros. Nas sucessivas edições, achei que não deveria acrescentar nada. É um livro no qual recolhi os contistas que me

pareciam os mais expressivos — e ainda acho.

Sempre deixei claro nos meus textos que houve liberalismo escravista na Europa e nos Estados Unidos. Não se trata de característica apenas brasileira. Agora, honra seja feita: no Brasil existem o liberalismo escravista e o liberalismo abolicionista de Ruy Barbosa, Castro Alves etc

Revista Adusp. No mesmo ensaio sobre as formações ideológicas na cultura brasileira, o senhor cita trechos de falas de deputados pró-escravidão nos debates na Câmara no século 19, quando se intensificava a campanha pelo abolicionismo. Parece inevitável associar essas falas às que ouvimos, por exemplo, nos recentes debates no Congresso Nacional sobre a terceirização. Por que certas ideologias são tão resistentes no Brasil?

BOSI. O historiador Fernand Braudel criou a expressão “história de longa duração”, ou “estruturas de longa duração”. Ele foi muito feliz, porque muitas coisas mudam..., mas continuam as mesmas. A ideologia liberal ou neoliberal reviveu nos anos 1990 na Europa, nos Estados Unidos e aqui também. Ela é muito resistente porque está

enraizada em interesses de acumulação muito sólidos. Sobretudo para os que pensam em acumulação de qualquer maneira e em multiplicação de seus lucros por meio dos jogos financeiros, a ideologia liberal é um prato cheio. Ou seja, cada um defende seu interesse, e não há lugar para o espaço público. Isso é uma coisa mundial. Para essa ideologia liberal, a terceirização também é uma forma de se dispensar de uma série de obrigações trabalhistas. É um recurso que nas atividades culturais é muito perigoso e muito grave, porque elas não são atividades de lucro imediato: são atividades públicas, de resistência ao mercado. Uma universidade, por exemplo, é construída no espírito de abertura, de democracia. A palavra “público” já diz tudo.

As alegações dos “interesses gerais” que os escravistas usavam eram contrastadas, por exemplo, por Joaquim Nabuco. É preciso mostrar que há uma dialética. Nabuco queria modernizar o Brasil e percebia que a escravidão era um entrave, além de uma desumanidade. Da mesma forma, sempre deixei muito claro nos meus textos que houve um liberalismo escravista na Europa, muito intenso também nos Estados Unidos. Não se trata de uma característica apenas brasileira. No Sul dos Estados Unidos havia universidades, como na Virgínia, com professores de Economia que, por volta de 1850, defendiam a escravidão.

Um exemplo antológico: em 1794, a Revolução Francesa, numa sessão célebre, aboliu a escravidão nas colônias das Antilhas. Foi um passo extraordinário e um momen-

to de resistência. Oito anos depois, quando Napoleão assumiu o Consulado e passou a ser a salvação da França, houve um *lobby* tão forte dos fazendeiros crioulos das ilhas que Napoleão cedeu e derogou aquilo que tinha sido aprovado por aclamação na Revolução. Em 1802 a França retomou a escravidão nos mesmos termos anteriores à abolição. A escravidão se mantém mesmo em 1830, com a Revolução e a ascensão de Luís Felipe, num período de enorme expansão do liberalismo na Europa toda. Apenas com a Revolução de 1848 é que se dá a abolição, com indenização aos proprietários. Isso é muito importante: de 1802 até 1848, a França, que ao lado da Inglaterra era a matriz das ideias democráticas e liberais, manteve a escravidão.

Agora, honra seja feita: no Brasil existem o liberalismo escravista e o liberalismo abolicionista de Ruy Barbosa, Castro Alves etc. Escrevi há tempos um estudo intitulado “A escravidão entre dois liberalismos”, que está no livro *Dialética da colonização* (1992). Nesse estudo polemizo com a ideia de que liberalismo com escravidão seria uma farsa ideológica tipicamente brasileira. Se é farsa ideológica, é também francesa, inglesa, americana etc., cada uma no seu nicho. Quantos milhões morreram na Guerra da Secessão (1861-1865) nos Estados Unidos para libertar os escravos? Há provas evidentes de que o mal não é só brasileiro, o que também não é consolo. Não é correto achar que o liberalismo tenha raízes sempre antiescravistas. Ele tem uma tentação escravista, que mantém uma tensão

Daniel Garcia



continua com o trabalho. Quando o liberalismo sobe, o que acontece? O trabalho treme e as leis trabalhistas são flexibilizadas, não sabemos até que ponto. O trabalho tem que se cuidar e terá que se defender, porque será atingido. Essa é uma forma modernizada da grande tensão entre liberalismo e abolicionismo.

Revista Adusp. Num artigo recente na *Carta Capital*, o senhor cita a ligação do PT, em sua origem, com os movimentos populares e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e fala inclusive da sua experiência num bairro operário de Osasco no início dos anos 1980. O senhor acha que o PT em particular e o governo de forma geral deveriam se reconectar com esses movimentos e estabelecer novamente um diálogo mais direto de forma a procurar recuperar um protagonismo político que parecem ter perdido?

fato esse momento fundador alimentou muitas esperanças e, se ele não se repropuser de alguma maneira, não vejo muita saída para o partido. O PT, ou pelo menos a direção do PT, aqueles que formam a sua burocracia — e que parecem se eternizar — têm duas dívidas: a primeira é realmente afastar pública e abertamente todas as pessoas que foram seduzidas pela corrupção. É preciso se limpar disso. A outra dívida é um fato que lamentam todos os economistas, mesmo os de esquerda que foram favoráveis a Dilma e de alguma maneira ainda a apoiam como o menor mal: a desindustrialização do Brasil. Ao longo do período Lula e do primeiro mandato da Dilma a ponta do consumo foi muito desenvolvida. Não vou criticar isso porque era muito necessário, e não se deve fazer o *mea culpa* de uma política distributivista num país em que nunca houve isso. É preciso

BOSI. Participei daqueles momentos de formação espontânea e popular do começo dos anos 1980 e conheci aquelas pessoas que eram de um idealismo total e estavam maravilhadas com a possibilidade de influir na formação de um partido. Era a primeira vez que acontecia esse contato direto englobando os sindicatos, a Igreja, os intelectuais de esquerda etc. Até então, todos os partidos vinham de cima. De

manter a política social, custe o que custar. Agora, a desindustrialização, apontada por exemplo nos artigos do Delfim Netto, do Luiz Gonzaga Belluzzo, do Bresser Pereira, é lamentável, e a coisa mais grave que pode haver é o desemprego crescente. Esse é o *punctum dolens* da situação econômica. John Keynes dizia: a economia perfeita é a que tenderia ao desemprego zero. Isso, claro, não existe, mas é uma espécie de horizonte. Tudo o que se afasta disso é perigoso. Nossa taxa de desemprego não deveria subir como subiu na Espanha, na Grécia ou em Portugal. Creio que o Brasil tem potencialidades maiores do que esses países. Paralelamente ao atual ajuste fiscal, tem que haver um esforço hercúleo para impedir o desemprego. É o desejo de uma pessoa que viu o PT nascer.

A USP é das poucas universidades no País que não aceitam as cotas. Quando, há alguns anos, começou o debate sobre o tema, eu não sabia o que dizer. Mas o tempo foi passando e fui me convencendo de que a dívida social enorme que temos para com os descendentes de escravos deve ser paga de algum modo

Revista Adusp. Fala-se muito em crise na universidade e, no caso da USP, para além da questão financeira que vem sendo apontada pela Reitoria, o senhor acha que há uma crise de representatividade e de falta de diálogo entre os diferentes segmentos?

BOSI. Certamente há uma crise de diálogo. Na questão das cotas, por exemplo, acho que deve haver um diálogo mais profundo e mais constante. A USP é das poucas universidades no País que não aceitam as cotas. Quando, há alguns anos, começou o debate sobre o tema, eu não sabia o que dizer. Eu tinha dois receios: primeiro, que voltasse a palavra *raça*, tão superada pela antropologia. Essa é uma palavra muito infeliz e que já produziu muito mal por dividir a humanidade por características físicas. O segundo é receio de professor: será que isso vai permitir que se abandone de fato uma reforma profunda na escola primária e secundária, de onde devem vir esses alunos? Meu receio era que nos dispensássemos de olhar para o ensino secundário, que é a matriz das iniquidades, uma vez que se abriria mais espaço na universidade para alunos das escolas públicas. A escola deve ser uma prioridade absoluta de todas as congregações, sobretudo nas faculdades que formam professores. Dentro dos meus limites, sempre militei para que os professores primários e secundários fossem valorizados, a começar pelo salário. Mas o tempo foi passando e fui me convencendo de que aquela dívida social enorme que temos para com os descendentes

de escravos deve ser paga de algum modo, e o melhor modo é dar mais oportunidades.

A palavra *raça* foi substituída por *etnia* e mesmo quem utiliza a palavra *raça* o faz sem a conotação pejorativa. O problema do ensino primário e secundário, onde começam as desigualdades na educação, é um problema grave que vamos levar talvez uma geração inteira para resolver. Hoje sou adepto das cotas porque os argumentos contrários me parecem menos fortes do que os argumentos positivos. Porém, vejo com preocupação que não há zona de diálogo. Deveria haver uma comissão permanente junto ao Co ou à Reitoria para dialogar sem que existisse o fenômeno da porta fechada, porque, quando há uma porta fechada, você tenta arrombá-la. Como professor egresso da FFLCH, acompanho com muita esperança o que está acontecendo lá, porque decisões recentes da congregação são favoráveis às cotas (*leia ofício da congregação da FFLCH no endereço eletrônico <http://bit.ly/1OrLee4>*). Quando se manifesta uma faculdade desse tamanho, que é uma verdadeira universidade, acho que é necessário que haja uma sensibilização da parte do Co.

O caso do Hospital Universitário (HU) também tem que ser gerido pelas pessoas realmente envolvidas. Recentemente professores da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) publicaram um manifesto demonstrando que o HU é fundamental para a faculdade e que sua parceria dá muitos frutos. Fico muito preocupado quando vejo que há pessoas que querem desvincular o HU da Univer-

sidade. Essa é uma luta que a Adusp pode empreender, porque terá o forte apoio da comunidade.

Revista Adusp. O senhor está há muitos anos envolvido no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, que entre outras coisas procura justamente propiciar um espaço para encontro e debate de ideias. O senhor pode falar dessa trajetória?

BOSI. Tive sorte porque fiz parte dos primeiros conselhos do IEA e o acompanhei desde o início — cheguei a ser diretor. Vem sendo uma trajetória muito feliz, particularmente no caso da revista *Estudos Avançados*. O IEA foi fundado em 1986, vai completar trinta anos no ano que vem, e já em 1987 saiu o primeiro número da revista. Ela já alcançou mais de 27,6 milhões de acessos pela internet — só em maio deste ano, mais de 520 mil, o que significa que realmente teve ressonância.

A minha trajetória aqui está muito ligada à revista. Gosto muito de elencar quem escreveu para ela. Claro, são mais de 1.500 artigos, mas quando olho para os colaboradores fico muito gratificado. São nomes como Ignacy Sachs, que criou a ideia de ecodesenvolvimento; o senador italiano Giovanni Berlinguer, o primeiro a alertar sobre o mercado de órgãos para transplantes; Jacques Chonchol, ministro da reforma agrária de Salvador Allende no Chile; Ivan Izquierdo, um dos maiores cientistas do mundo sobre memória; Jürgen Habermas, que foi entrevistado e também escreveu para a revista; Eric Hobsbawm, que foi entrevistado pelo Paulo Sergio Pinheiro; Aníbal Qui-

jano; Michel Vovelle; Roger Charrier; Robert Kurz; Jacques Derrida; Noam Chomsky; Boaventura de Sousa Santos; André Gorz, entre tantos outros. Entre os brasileiros, não vou citar nenhum vivo para não cometer involuntariamente alguma injustiça: Aziz Ab'Saber; Otto Maria Carpeaux, que era austríaco e se naturalizou brasileiro; Ariano Suassuna; Oswaldo Xidieh; Erasmo Garcia Mendes; Octavio Ianni; Jacob Gorender; Raymundo Faoro; José Paulo Paes; Benedito Nunes; também para citar só alguns.

Drummond escreveu no Jornal do Brasil um artigo chamado “Se eu fosse deputado”. Ele, um poeta que não tinha nada que ver com o assunto, foi estudar os males das usinas atômicas e escreveu um texto muito bonito que mandamos para os deputados e foi reproduzido em outros jornais

Revista Adusp. O senhor participava de um grupo contrário à usina nuclear, grupo este que se reunia na sede da Adusp. Como foi essa experiência?

BOSI. A Adusp foi muito generosa conosco, só posso agrade-

cer. Precisávamos de uma sala e a Adusp nos abrigou naquele momento. Vinham pessoas do Greenpeace, professores de química e física que faziam análises das radiações, cientistas japoneses que tinham todo o material sobre as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki e suas consequências etc. Criamos um grupo de trabalho para lutar contra a usina de Angra 3, porque Angra 1 e 2 estão funcionando e fornecem uma pequena parte da energia do Rio de Janeiro, embora o problema do seu lixo atômico ainda não tenha sido resolvido. Fizemos vários atos públicos com o objetivo de recolher um número de assinaturas que chegasse ao Congresso Nacional e realmente paralisasse Angra 3. Esse movimento refluíu um pouco. Um de seus inspiradores é o Chico Whitaker, ex-vereador em São Paulo, que não desiste nunca. Recentemente ele enviou uma carta aberta à presidente Dilma e ao ministro das Minas e Energia demonstrando que, com a atual crise econômica, seria o caso de não finalizar a usina, devido ao seu custo altíssimo. Eu e muitas outras pessoas assinamos a carta. Creio que é uma luta que deve continuar e que é preciso convencer a presidente Dilma de que o Brasil tem muitas alternativas, e a energia atômica não é uma delas.

Nem todos os físicos pensam como nós. Há pessoas que acham que essa energia é necessária, mas nós pensamos muito mais nos riscos. Conseguimos produzir alguns documentos, folhetos e livretos para distribuir às pessoas. O que aconteceu em Fukushima [acidente nuclear após o terremoto e o tsunami

de 2011], com todos aqueles danos, mostrou os riscos que corremos. Os italianos fizeram um plebiscito para acabar com as usinas atômicas e até os franceses, que dependem muito dessa energia, também estão pensando em fontes alternativas. O mesmo ocorre na Alemanha.

Já bem antes, em 1980, inclusive Drummond tinha nos ajudado. Minha esposa escreveu para ele dizendo que precisávamos de um grande nome ao nosso lado porque os deputados poderiam, naquele momento, época do acordo nuclear com a Alemanha, aprovar a construção de uma usina em Iguape. Fomos lá e fizemos até uma proclamação para demover as autoridades da ideia. Essa luta foi vitoriosa: seja por falta de dinheiro ou por milagre, o processo foi desativado. A região entre Peruíbe e Iguape, no litoral Sul de São Paulo, seria devastada pela usina, mas se transformou na atual Estação Ecológica Jureia-Itatins. Drummond escreveu no *Jornal do Brasil* um artigo chamado “Se eu fosse deputado”. Ele, um poeta que não tinha nada que ver com o assunto, foi estudar os males das usinas atômicas e escreveu um texto muito bonito que mandamos para os deputados e foi reproduzido em outros jornais (*leia aqui o texto de Drummond: <http://bit.ly/1MR8IXp>*).

A revista *Estudos Avançados* vem publicando vários dossiês sobre energia, com artigos assinados por pessoas muito competentes. Já recebemos críticas dizendo que a revista era contra Angra 3 — e eu respondi: sim, de fato somos contra e assumimos isso.